

apem  
**NEWSLETTER**  
DEZEMBRO 2025





# NEWS

## | Editorial

### Nós por cá

- Formações CFAPEM 2026
- *Canção à espera de palavras* – 6ª edição
- Podcast *À mesa não se canta*
- EuDaMuS 2026 – Vídeos a Música na minha Escola
- Revista Portuguesa de Educação Musical 2025: Vol. 151 (2025)

## | Cantar Mais

## | Já conhece?

## | Releituras

## | Última





# EDITORIAL

por Manuela Encarnação

## As visitas de estudo e a magia do (novo) Museu Nacional da Música

Três recomendações para começar.

Primeira recomendação para todo e qualquer Professor: ter na sua biblioteca pessoal e profissional o “Caderno de Viagem” do Museu Nacional da Música (2025), lê-lo com toda a atenção e deter-se nas fotografias. É de facto um caderno de viagem porque para além de nos transportar para a conceção e propósito do novo Museu Nacional da Música (MNM) ilustrado por diversos instrumentos e variadíssimas peças do seu acervo, tem espaço para escrever notas!

Segunda recomendação: visitar o MNM com tempo (sem alunos) e fruir o espaço, os objetos, as sonoridades e deixar-se ir.

Terceira recomendação: ver e conhecer a loja e o café do MNM.

Visitámos o MNM num dia lindíssimo de céu azul e frio na semana da sua abertura em novembro. Chegar ao Terreiro D. João V e termos o Palácio Nacional de Mafra à nossa espera é logo o primeiro momento mágico!

Até chegar à primeira sala do museu, optámos por ir pelas escadas até ao piso 2, apesar do elevador, para podermos apreciar a estética minimalista de [recuperação desta ala norte do Palácio](#) e começar a sentir o ambiente.

A viagem que fizemos foi conduzida pelos magníficos e provocadores textos que nos são oferecidos em cada espaço sala e que nos questionam criteriosamente, desde logo com a pergunta “Mas, afinal, o que é a música?” para depois observarmos os

# EDITORIAL

por **Manuela Encarnação**

As visitas de estudo e a magia do (novo) Museu Nacional da Música



instrumentos e muitos mais objetos através dos conceitos trazidos pelas expressões do saber popular, do transcendente, do poder, não esquecendo a voz e notação, passando pela música nos salões, teatros, céus, idas e voltas, até chegarmos às invenções do futuro.

Todo o acervo está exposto de forma que não escape nada ao visitante criando uma intimi-

dade especial em cada sala e com possibilidade de tocar ou mexer nalguns instrumentos ou objetos.

Como explica tão claramente o diretor do MNM, Edward Ayres de Abreu, *esta nova exposição foge da lógica organológica que organiza as primeiras e históricas coleções de instrumentos musicais,*



para dar lugar a um vasto programa de elaboração de diversas camadas de significação, de diferentes possibilidades de leitura sobre cada um dos objetos expostos e sobre as relações e os conjuntos que estes acabam por formar. Ou seja, a exposição fala mais de música e menos de instrumento musical esbatendo as fronteiras do tempo e do espaço. E, no entanto, eles - os instrumentos colecionados - estão lá todos! E com uma grande vantagem em relação ao tempo de Alfredo Keil, como também refere Edward Ayres de Abreu, agora temos a possibilidade de integrar som gravado e de alta qualidade na experiência do visitante.



Foi isso que foi feito, e é por isso e por esta lógica de curadoria deste novo museu que as visitas de estudo promovidas pelas escolas se poderão transformar também numa viagem pelas músicas, pelas expressões e múltiplas sensações que os instrumentos e todos os objetos que os acompanham nos podem proporcionar.

Recorremos à definição de visita de estudo escolar de acordo com a [legislação que a enquadra](#): “«Visita de estudo», atividade curricular intencional e pedagogicamente planeada pelos docentes destinada à aquisição, desenvolvimento ou consolidação de aprendizagens, realizada fora do espaço escolar, tendo em vista alcançar as áreas de competências, atitudes e valores previstos no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória e, quando aplicável, no perfil profissional associado à respetiva qualificação do Catálogo Nacional de Qualificações;”

Apesar de muitos professores se queixarem da burocracia para a realização de uma visita de estudo, o que não deixa de ser verdade em muitas escolas, o despacho



# EDITORIAL

por **Manuela Encarnação**

As visitas de estudo e a magia do (novo) Museu Nacional da Música



apenas refere três pontos que nos parecem completamente adequados e que resumimos:

- ter a autorização do diretor e o consentimento dos encarregados de educação;
- respeitar as regras do transporte escolar se este for necessário;
- assegurar o rácio alunos professores, ou seja, no pré-escolar e 1.º ciclo, 1 professor por cada 10 alunos e nos 2.º e 3.º ciclos 1 professor por cada 15 alunos.

Ora, as visitas de estudo, como atividade curricular, terão sempre de ser pedagogicamente planeadas no conselho de docentes ou conselhos de turma. É essa a

atividade central destes centros de poder dos professores. É aqui que se devem tomar as decisões coletivas mais importantes da atividade docente com as inerentes implicações e responsabilidades nos processos de ensino e aprendizagem diários. Apesar da individualidade de cada professor e das características de cada área do saber, as decisões são coletivas e imprescindivelmente articuladas pedagogicamente. Neste con-

texto, as visitas de estudo deverão ser matéria de reflexão e decisão coletiva e a nossa proposta é que a visita ao Museu Nacional da Música faça parte da agenda e que

o seu planeamento seja alinhado com a experiência sonora, imersiva, espacial e performativa que o museu proporciona.

Se o princípio da interdisciplinaridade for incorporado no sentido em que as disciplinas estão ligadas por conceitos e competências próximas/comuns/convergentes, desenvolvendo conceitos e competências ancorados nas aprendizagens das disciplinas<sup>1</sup>, então todo o esforço de planeamento da visita de estudo ficará bem espelhado na qualidade das aprendizagens dos alunos. E acima de tudo ficará a experiência social, emocional, musical e de relação da vida das pessoas com a música, completamente inesquecível.

O “Caderno de Viagem” do Museu Nacional da Música (2025), também está cheio de sugestões de escuta que tanto poderão ser um ponto de partida como de chegada da visita de estudo.

No dia da nossa visita encontrámos o diretor do Museu a fazer uma visita guiada a um grupo de visitantes. Pode conhecer melhor o Edward Ayres de Abreu neste nosso episódio #22 do [podcast da APEM](#).

Boas visitas, boas viagens e Feliz Natal.



[1] Cosme, Ariana (2018) Autonomia e Flexibilidade Curricular - Proposta e Estratégias de Ação. Ensino Básico Ensino Secundário. Porto Editora



# NÓS POR CÁ

## Formações CFAPEM 2026

### “A Música das Palavras” vai a Portimão

A ação de formação da APEM em parceria com a APP – Associação de Professores de Português, “A Música das Palavras: interdisciplinaridade em Português e Música”, vai até Portimão. A ação decorre em b-learning e está creditada para os grupos 110, 220, 250 e 910. Conta também com o apoio da Academia de Música de Portimão, terá duas sessões presenciais no Museu de Portimão nos dias 16,17 e 31 de janeiro.

Mais informações e inscrições:

**AQUI**

## A MÚSICA DAS PALAVRAS

### Interdisciplinaridade em Português e Música

Filomena Viegas (APP) | Manuela Encarnação (APEM)

25 HORAS | GR 110, 200, 210, 220, 250 e 910

### b-Learning

### SESSÕES PRESENCIAS | MUSEU DE PORTIMÃO

- 16 de janeiro, 18h00-21h00
- 17 de janeiro, 10h00-17h00
- 31 de janeiro, 10h00-17h00





# NÓS POR CÁ

## Formações CFAPEM 2026

Formação Kodály na Escola Superior de Música de Lisboa

László Nemes regressa a Lisboa com mais uma ação de formação Kodály. Maestro e pedagogo, especialista internacionalmente reconhecido em educação musical inspirada no conceito Kodály, dinamizará em janeiro a ação de formação de curta duração de 6 horas intitulada “Kodály principles: singing and movement in music learning”. A decorrer na Escola Superior de Música de Lisboa, vai ter lugar nos dias 8 e 9 de janeiro, das 18h às 21h e será creditada para todos os grupos M e para os grupos D06, 150, 250 e 610.

Mais informações e inscrições:

**AQUI**



# NÓS POR CÁ

## Formações CFAPEM 2026

**11ª Edição da formação “Psicologia da Performance”  
com Carlos Damas**

A formação “Psicologia da Performance” é já um clássico no CFAPEM, contando com 10 edições realizadas. Aproveite esta oportunidade e inscreva-se na 11.ª edição, orientada pelo formador Carlos Damas. Será um espaço privilegiado para refletir sobre os desafios de performance musical dos seus alunos e conhecer estratégias eficazes para regular a ansiedade e as emoções.

De 5 de janeiro a 9 de fevereiro, participe numa ação de formação de 12,5 horas, creditada para os grupos M01 a M29, M32 e M38. Não perca!

Mais informações e inscrições:

**AQUI**

**PSICOLOGIA DA PERFORMANCE**  
ESTRATÉGIAS NA GESTÃO DA ANSIEDADE E DAS EMOÇÕES

**CARLOS DAMAS**  
5 de janeiro a 9 de fevereiro de 2026

**Formação online creditada**  
M01 a M29, M32 e M38  
12,5 horas

 **centro de  
formação  
apem**





Projeto Artístico

# O ADUFE

NÍVEL II

Rui Silva

Grupos 250 e 610

25H | ONLINE  
2 DE FEVEREIRO A 23 DE MARÇO DE 2026

\*REGISTO DE CREDITAÇÃO: CCPFC/ACC-135252/25

# NÓS POR CÁ

## Formações CFAPEM 2026

“Projeto artístico: o adufe – nível 2”

Vem aí o nível 2 da ação de formação de Rui Silva dedicada ao adufe, com início marcado para 2 de fevereiro. Tem como destinatários os professores dos grupos 250, 610, M16, M17, M26, M28 e M32. A ação com a duração de 25 horas, inteiramente em e-learning, propõe-se aprofundar a utilização deste instrumento tradicional nas práticas pedagógicas.

Mais informações e inscrições:

**AQUI**



# NÓS POR CÁ

## Formações CFAPEM 2026

### Banda Pop e Microbit – novas edições em fevereiro

Em fevereiro regressam novas edições das formações de Pedro Zagalo e de Rui Santos, com propostas que pretendem trazer a inovação à sala de aula. “Banda pop em sala de aula” sugere estratégias para o trabalho colaborativo e inclusivo a partir da música Pop. Já “Microbit” apresenta a aplicação de princípios de programação e robótica no ensino da música.

Mais informações e inscrições:

**AQUI**







# NÓS POR CÁ

## Formações CFAPEM 2026

Oficina de formação: Viagem ao Centro do Som

– Laboratório de instalações sonoras

“Em qualquer objeto existe um mundo sonoro por descobrir. Esse mundo é infinito e a sua exploração começa na forma como lhe pegamos, sacudimos, batemos, raspamos ou fazemos rolar...”

Assim começa a sinopse da formação “Viagem ao Centro do Som – Laboratório de Instalações Sonoras”, dinamizada por Bitocas Fernandes e Carlos Batalha.

Trata-se de uma nova proposta formativa do CFAPEM, destinada a professores do 2.º ciclo do ensino básico. Esta oficina de 50 horas (25 horas presenciais + 25 horas de trabalho autónomo) terá lugar em Águeda, no reconhecido Click.Lab de Bitocas Fernandes.

A formação convida os participantes a explorar objetos do quotidiano e a transformá-los em instrumentos e instalações sonoras interativas para aplicar nas suas escolas — tudo isto num ambiente criativo, experimental e imersivo, próprio do espaço Click.Lab.

Inscreva-se já:

**AQUI**



# NÓS POR CÁ

## *Canção à espera de palavras – 6ª edição*

Já se ouve pelas escolas a nova canção do 6º Concurso *Canção à Espera de Palavras*, composta pela Celina da Piedade. O concurso convida as turmas do 1.º e 2.º ciclos a desenvolverem, de forma colaborativa e em contexto de sala de aula, a letra da canção. O Português e a Música de mãos dadas! Para apoiar este processo criativo, encontram-se disponíveis diversos recursos pedagógicos na plataforma Cantar Mais.

Todas as informações sobre como participar:

**AQUI**





# À MESA NÃO SE CANTA

um podcast da APEM sobre música e educação



# NÓS POR CÁ

Podcast *À mesa não se canta*

Acordeonista, compositora e cantora, Celina da Piedade foi a convidada do último episódio do ano do nosso podcast *À mesa não se canta*. Celina recordou o seu percurso musical e lembrou os nomes que fizeram parte desta jornada. A nova canção do Concurso *Canção à espera de palavras* não ficou de fora da conversa, claro.

Desta vez, numa conversa a duas, com Celina da Piedade e Manuela Encarnação, disponível na página da APEM.

Para ouvir e reouvir:

**AQUI**



# NÓS POR CÁ

## EuDaMuS 2026 – Vídeos a Música na minha Escola

Mostre como é — e como soa — a Educação Musical na sua escola criando um vídeo original.

### Como participar:

- Crie o seu vídeo sobre a Educação Musical na sua escola.
- Carregue-o no YouTube.
- Partilhe o link através deste formulário (data limite: 28 de fevereiro de 2026).

### Ideias para o seu vídeo:

- Entrevistas com alunos.
- Visita guiada à sala de música.
- Pequenas atuações.
- Outras atividades musicais relevantes.

Não tem autorização para filmar alunos?

### Pode optar por:

- Criar uma montagem com desenhos, fotografias de trabalhos ou outros materiais produzidos pelos alunos.
- Partilhar histórias sobre a música na sua escola através das redes sociais.



### Hashtags a incluir nas publicações:

#eudamus2026 #musiceducation #europe #europeanday #schoolmusic

Saiba tudo sobre o EuDaMuS 2026:

**AQUI**





# NÓS POR CÁ

**Revista Portuguesa de Educação Musical 2025: Vol. 151 (2025)**

Para além de já poder ler o artigo de Ana Luísa Veloso intitulado *O som como rizoma: Para uma Educação Musical que promova a diferenciação e a pluralidade* que analisa as potencialidades de uma abordagem à Educação Musical centrada no Som no desenvolvimento de percursos de aprendizagem diversos e plurais, em contextos educativos não formais, poderá brevemente aceder aos artigos de Maité Bilbao e Carlos Garcia, convidados da APEM no XIX Encontro Nacional realizado no mês passado na Fundação Calouste Gulbenkian.

António Pinho Vargas, conferencista no XV Encontro Internacional Arte para a Infância e Desenvolvimento Social e Humano que aconteceu também em novembro passado, oferece-nos as suas reflexões sobre *Música: play, spiel, jouer, brincar, tocar: universos por abrir / para abrir*.

Será ainda publicado em breve um Ensaio de Manuel Pedro Ferreira e, neste volume da RPEM, estaremos uma nova secção dedicada a homenagear figuras cujo legado consideramos essencial para a música na educação. Em 2025, prestamos homenagem a Ana Lúcia Frega, que nos deixou em novembro, e a Edwin Gordon, que esteve pela primeira vez em Portugal há 30 anos, precisamente em novembro de 1995.

Acompanhe a RPEM:





# I CANTAR MAIS

## O Natal e as cores no Cantar Mais

Este é um [convite para descobrir o Natal no Cantar Mais](#) e as suas categorias que nos levam para uma viagem musical nesta época.

**Roxo – Ciclo de Canções** é um conjunto de canções agrupadas pelo compositor como unidade artística, numa ordem particular e tendo como referência um determinado tema ou uma história ou ambas as coisas simultaneamente.

[Dia de Natal - 1. Cada menino](#)

[Dia de Natal - 2. Chove. É dia de Natal](#)

[Dia de Natal - 3. Dia de Natal](#)

[Dia de Natal - 4. Eu queria ser Pai Natal](#)

[Dia de Natal - 5. A palavra mais bela](#)

[Quatro Estações - Tarde de inverno](#)



**Amarelo - Canções tradicionais** - esta categoria agrupa canções do Cancioneiro Popular Português abrangendo várias regiões do continente e ilhas assim como temáticas diferenciadas.

[Nana, nana, meu menino](#)

[O Menino está dormindo](#)

[Truz truz truz](#)



**Cor de Laranja - Música antiga** - esta categoria está circunscrita a um determinado período histórico em que se agruparam as canções compiladas em diversos Cancioneiros, em português ou castelhano, oriundas das épocas medieval, renascentista e barroca.

[Non tendes cama bom Jesus não](#)



**Verde - Canções do mundo** reúne canções de diferentes geografias e culturas musicais, não incluídas nas outras categorias.

[A borboleta](#)





# CANTAR MAIS

## Notas sobre Voz

### *Higiene Vocal – Cuidados*



Continuo agora a referenciar alguns dos comportamentos vocais que beneficiam e protegem a voz fazendo parte dos cuidados de higiene vocal que todo o profissional deve ter com o seu instrumento de trabalho.

Comportamentos vocais benéficos:

Saber reconhecer sinais de cansaço vocal - Disfonia leve, alteração na qualidade vocal devem ser conscientes no profissional da voz de modo a que possa descansar a voz antes que o quadro se agrave.

Proteger-se quando alvo de doenças que envolvem o trato respiratório - Muitas destas doenças tais como alergias, gripes, constipações, amigdalites, bronquites, sinusites, entre outras; mesmo quando não afetam diretamente as cordas vocais como as laringites, provocam, indiretamente, e frequentemente, edema das cordas vocais conduzindo a disfonias, ou mesmo afonias. Por isso, o profissional da voz deve proteger ao máximo a sua voz quando alguma coisa afeta o seu trato respiratório, hidratando-se e resguardando-se e, se necessário, minimizando o uso da voz ou repousando a voz.



Vida emocional saudável -- Sabe-se que a voz é um barómetro do estado emocional do indivíduo: é possível estar “afónico” sem nenhum problema visível das cordas vocais... Stress continuado, burnout, estados emocionais adversos afetam sobremaneira a eficácia fisiológica da voz. Há, pois, que evitar, dentro do possível, estas condições emocionais. Viver uma vida mentalmente saudável é condição essencial para uma voz saudável.

Aquecer a voz, arrefecer a voz – Todo o profissional da voz deve saber aquecer a sua voz antes do uso profissional da voz, tendo planos explícitos de aquecimento, e não iniciando o trabalho profissional sem estar devidamente aquecido. Também no final do uso profissional da voz deve executar alguns exercícios de arrefecimento vocal. (Exatamente como no ginásio se aquece antes de executar o treino e se alonga no final do treino).

Aprender a projetar a voz, quer falada, quer cantada – A projeção da voz, capacidade de fazer-se ouvir, mesmo sem amplificação, é um requisito importante e exige uma manipulação ressonancial específica. Por isso, para que este requisito possa ser cumprido, o profissional deve estar na posse de uma técnica vocal básica mínima. É uma necessidade ainda mais premente quando em espaços de pobre qualidade acústica e muito secos.

Para o cantor – cantar o repertório adequado, na tessitura adequada, com uso diário da voz limitado, criando resistência, simultaneamente com flexibilidade vocal (tal como cria resistência e músculo num ginásio).

Descansar a voz, pausar a voz, praticar o silêncio – Se há comportamento vocal benéfico para a voz é o de saber repousar a voz, de descansar vocalmente depois do uso profissional vocal. Em suma, saber praticar o silêncio para que a palavra e a música possam sair com a qualidade da excelência.

Vamos continuar esta viagem com alguns apontamentos sobre saúde vocal no próximo *Notas sobre Voz*. Estejam atentos!

# ! JÁ CONHECE?

O relatório do Estado da Educação 2024 foi publicado pelo Conselho Nacional de Educação este mês e está disponível

AQUI

O documento é constituído por duas partes principais. A primeira parte expõe uma *Panorâmica do Sistema Educativo com base na apresentação e análise de dados estatísticos*; a segunda parte propõe *Reflexões para o Desenvolvimento das Políticas Educativas* do país a partir de quatro textos que abrangem os temas da inclusão, da educação de adultos, do futuro das escolas e do papel das autarquias na educação: *Inclusão: ninguém pode ficar invisível*; *Aprender ao longo da vida para uma sociedade mais democrática e competente*; *Uma escola com futuro* e *As autarquias e a transformação da escola e da educação*.

No início, para além do *Sumário Executivo* é apresentado o texto *Conhecer Para Inovar, Melhorar, Incluir e Enfrentar as Desigualdades*, da autoria do Presidente do CNE, Professor Domingos Fernandes.

Estado da Educação 2024





# RELEITURAS

por Ana Leonor Pereira

## Não existe música escrita



Nos seus primórdios, a poesia não era para ser dita, mas para ser cantada. Isso explicava a música intrínseca que nela sempre residia. E ela só se “completava” nesse ato de ser cantada. Do mesmo modo, a “escrita” é sempre um modo de falar, ou de contar uma história que, na verdade, e num sentido estrito, faz com que ela seja apenas o veículo da sua intrínseca oralidade. Toda a poesia é oral, bem como toda a literatura é oral.

Na música esta oralidade, e auralidade, é ainda mais forte. A música não existe, em

plenitude, na sua escrita, nem a sua escrita consegue, jamais, dizê-la completamente. Por isso, contrapor tradição oral a tradição escrita é uma falácia. Não existe música escrita. Existe, sim, hoje, depois de muitos séculos de aprimoramento, um sistema simbólico que permite àqueles que querem fazer perpetuar a sua música, encapsulá-la num sistema que se pretende o mais eficiente possível. Mas é uma cápsula no tempo frágil e, ainda assim, limitada. Chega-nos por esta via, vamos dizer, por exemplo, as Variações Goldberg, numa bela edição encadernada, ou numa partitura digitalizada no nosso computador. Em ambos os casos, qualquer estudante de música, e qualquer intérprete, sabe que não tem a música. Que serão necessárias muitas horas de trabalho para, a partir dessa cápsula do tempo, a fazer viva, e fugaz, no efémero presente, oral e auralmente. A música é sempre efémera e cheia de nuances resultantes dessa efemeridade.

A razão maior pela qual a escrita musical se desenvolveu, deveu-se à consciência da falência da memória musical e à consciência das suas limitações. Nem tudo consegue ser guardado nessa memória, nem essa memória pode ser considerada totalmente fidedigna. Como todos sabem, a memória gosta de efabular: e é a essa efabulação que se deve a tradição oral musical como

# RELEITURAS

por Ana Leonor Pereira

Não existe música escrita

corpo vivo e em constante mutação. Na tradição oral a sua mutabilidade é uma mais-valia. Com a escrita musical, a mutabilidade, a fuga à suposta escrita, é vista com desconfiança. Se, por um lado, para o compositor, a escrita musical é uma fonte imensa de possibilidades: a complexidade musical atingiu patamares jamais pensáveis se não houvesse esta escrita; para o intérprete a ditadura da partitura foi conduzindo, sucessivamente, a uma castração na possibilidade deste improvisar, criar e exprimir em nome próprio. Este espartilho imposto pela partitura não foi sempre igualmente apertado: foi aumentando ao longo da história da música, deixando, nos últimos séculos, muito pouco a sobrar para o intérprete.

Sabe quem trabalha em transcrever a dita “tradição oral” que é uma tarefa hercúlea e, a limite, impossível. Quando gravar se tornou uma ferramenta, os etnomusicólogos suspiraram de alívio, e iniciaram esse périplo meritório de gravar pelos mais recônditos lugares do planeta as chamadas tradições orais. Mas, continuam, creio, conscientes, que por melhores que sejam os seus esforços, a escrita dessa oralidade é impossível. Também os compositores, por mais eficientes que sejam na escrita das suas ideias musicais, devem permanecer conscientes de que muito, sempre muito, escapa ao enclausuramento da partitura. Até porque, se o intérprete for um mero “executor de notas”, não é um músico. É preciso extrapolar a partitura, e saber fazê-lo, para que a música aconteça. A música escapa, sempre, à partitura. Por isso esta deveria ser, conscientemente, um ponto de partida e não um ponto de chegada.

A análise das realizações em palco dos músicos, mostra que são os micro desvios rítmicos, bem como os micro desvios de afinação, bem como as manipulações espectrais que permitem a expressividade musical.<sup>1</sup> Sem este desvio, não só ao que está escrito, mas também à suposta rigidez da altura do som e da sua rítmica, a música é puro débito au-

tomatizado. Não existe, portanto, expressão musical, nem tão pouco comunicação musical, sem este extrapolar permanente. São essas as condições necessárias para que o corpo vivo da música se materialize no tempo físico efémero do som. E contentarmo-nos com essa efemeridade, que é única e irrepetível, deve ser o lema maior do músico.

Voltando às Variações Goldberg: não nos teriam chegado se não tivessem ficado enclausuradas na partitura que Bach escreveu. Por isso, estamos infinitamente agradecidos ao facto de existir esse sistema simbólico que permitiu esse milagre dessa viagem no tempo. Mas, sabemos também, que elas só se tornam em música, quando um cérebro as decifra e as ouve – mesmo que só em pensamento musical – e que, sendo o que Bach escreveu, não são também o que Bach escreveu, e que, de cada vez que são tocadas, se tornam outras. Se tornam diferentes e únicas. E é isso que faz a música ser tão especial.

Conta-se, numa espécie de episódio anedótico, que determinado violinista célebre, após um determinado concerto magnífico, foi abordado por uma fã arrebatada que o felicita pelo extraordinário som do seu violino, ao que ele, replicou, abanando o violino ao pé do ouvido: “Não ouço nada!”. É, portanto, isto: o som do violino não está no violino, bem como a música não está na notação da partitura. A música acontece quando o som acontece e isso é, sempre, num presente perpétuo. Num momento, que realiza o pensamento do criador, o pensamento do intérprete e o comunica ao pensamento do ouvinte. Aliás, pensamento, expressão e emoção. E é nessa comunidade do presente que essa magia se realiza.

A poesia, também ela, não vive na palavra escrita: é voz cantada do poeta para a voz cantada do leitor. E é aí que está. Por isso a arte é comunicação e relação no presente.

[1] Pereira, A. L., (2008), As Cores da Voz: Expressão das emoções no timbre da voz cantada. Cadernos de Saúde, nº 1, vol.1,





## ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE EDUCAÇÃO MUSICAL

Praça António Baião n.º5 B – Loja  
1500-712 LISBOA

(+351) 217 780 629

(+351) 932 142 122

info@apem.org.pt

 apem.educacaomusical

info@cantarmais.pt

 CantarMais

---

## FICHA TÉCNICA

**Conceção e edição:**

Direção da APEM

**Colaboram neste número:**

Manuela Encarnação

Carlos Batalha

Ana Isabel Pereira

Lina Trindade Santos

Ana Leonor Pereira

**Montagem gráfica:**

Rita R. Andrade

Dezembro • 2025



# Boas Festas



equipa APEM